

## **Brasília e a representação do poder moderno. A construção do futuro do país nas narrativas jornalísticas**

### **Brasília and the representation of modern power. The construction of the country's future in journalistic narratives**

**Renato de Almeida Vieira e Silva** (Faculdade Rio Branco)

[renato-e@uol.com.br](mailto:renato-e@uol.com.br)

#### **Resumo**

No Brasil, a modernidade de alguma forma é encarada – e provavelmente sempre tenha sido – como a absorção de algo que vem de fora, um modelo a ser seguido, cortejado e admirado. Em vários momentos de nossa história tivemos exemplos dessa natureza e que foram representativos em nossa formação. Muitos desses modelos foram absorvidos, copiados, relidos e adaptados para a nossa realidade. O que é moderno confunde-se às vezes com o ser contemporâneo. A modernidade estética e arquitetônica entra nessa seara e poucos países do mundo podem apresentar tantos exemplos dessa simbiose entre modernidade e arquitetura como no Brasil. A construção de Brasília é um desses exemplos e significa também a representação do poder moderno, de orientação nacionalista, com fortes notas desenvolvimentistas, síntese e projeção da imagem de um país que ingressou na modernidade. É justamente a projeção recorrente dessa imagem moderna, de um país que rompe com o passado e ingressa naquilo que se considera o futuro, que pretendo conduzir essa reflexão a partir de referências publicadas na revista *Manchete*, editada em razão da inauguração de Brasília e contemporizando com a revista *Veja*, comemorativa dos 50 anos de daquela cidade.

**Palavras-chave:** Brasília; Mídia; Narrativa Jornalística; Futuro; Representação do Poder Moderno

#### **Abstract**

In Brazil, modernity is somehow regarded - and probably always has been - as the absorption of something that comes from outside, a model to be followed, courted and admired. At various times in our history we have had examples of this nature that were representative in our formation. Many of these models have been absorbed, copied, re-read, and adapted to our reality. What is modern is sometimes confused with contemporary being. Aesthetic and architectural modernity enters this area and few countries in the world can present as many

examples of this symbiosis between modernity and architecture as in Brazil. The construction of Brasilia is one such example and also means the representation of modern power, with a nationalist orientation, with strong development notes, synthesis and projection of the image of a country that has entered modernity. It is precisely the recurrent projection of this modern image, of a country that breaks with the past and enters into what is considered the future, that I intend to conduct this reflection from references published in the magazine *Manchete*, edited due to the inauguration of Brasilia and temporizing with *Veja* magazine, commemorating the 50th anniversary of that city.

**Key-words:** Brasília; Media; Journalistic Narrative; Future; Representation of Modern Power

## **Introdução**

“A vontade que deu origem à Brasília vem à tona com clareza: criar uma capital abstrata para um país enorme cuja unidade também é um milagre de abstração lingüística e étnica; penetrar com a força do Estado no interior selvagem do Brasil, depois que as incursões individuais não deram grandes resultados; arrancar a classe dirigente brasileira das cidades costeiras preguiçosas e barrocas e obrigá-la a retomar com os meios modernos a marcha dos antigos colonizadores em direção ao interior”. Alberto Moravia, *Corriere della Sera* (1960)

Ao tomar posse como presidente, em 1956, Juscelino Kubitschek (JK), apresenta ao país um Plano de Metas, o qual guiará sua administração pelos cinco anos de governo. O plano tornava-se assim a representação do país que buscava passar do estágio da economia predominantemente agrícola para o patamar de nação industrial, inserindo-se no contexto dos países que emergiam do atraso para ingressar de forma acelerada no conceito de progresso e mais alinhado com países símbolos do mundo desenvolvido daquele momento.

O tema da campanha política que conduziu Juscelino ao poder prometia aos eleitores fazer “50 anos em 5”, e mudar por completo o panorama nitidamente agrário do país, onde 60% da população ainda vivia no campo e 40% nas áreas urbanas, com renda per capita em torno de 137 dólares. Alia-se o presidente, para isso, a importantes pensadores da elite intelectual brasileira do momento, com os quais constrói um ambicioso programa de metas, amplamente divulgado pela mídia.

Esse Plano de Metas dividia as ações em 31 eixos, atingindo diferentes setores da economia, como energia, transportes, alimentação, indústria de base e educação. A meta de número 31 tratava justamente da construção de uma nova capital, a ser erigida no Planalto Central.

Pela geografia juscelinista, a região central do Brasil representava milhões de quilômetros quadrados no mais completo abandono, situação na qual permanecia por séculos e que não

receberam tratamento adequado pelas várias administrações que precederam a sua. Assim, a estratégia de integração dessa região era fundamental para o desenvolvimento do país e passava pela construção da nova capital naquela região.

Ao ser determinada a construção de Brasília e a transferência da capital do Rio de Janeiro para lá, fixou-se um prazo de quase 4 anos para entrega final dos trabalhos, tornando esse empreendimento um grande centro das atenções e energias, já que do meio do nada, que caracterizava a região do cerrado, surgiria uma cidade de inspiração futurista, que brotava da inspiração de dois arquitetos – Lucio Costa e Oscar Niemeyer – ambos fortemente influenciados pela arquitetura de Le Corbusier, considerado um dos pais da moderna arquitetura.

Para a construção de Brasília, foram atraídos milhares de trabalhadores, apelidados de candangos, que transformavam a paisagem árida em um campo de construção de proporções gigantescas, o qual despertava as atenções do mundo, com ampla cobertura da mídia local e internacional, assim como críticas da oposição interna, que via nos enormes recursos empregados um perigo para o equilíbrio das finanças públicas e desperdício de recursos que poderiam ser melhor empregados em outras prioridades.

É atribuída ao escritor francês André Malraux, em visita ao país, como ministro da educação do governo De Gaulle, a expressão “Brasília – a capital da esperança” que, segundo ele, partia dessa cidade a irradiação do progresso para todo o interior do país, deslocando-se pelos grandes eixos rodoviários que cruzariam a região em direção às mais diferentes cidades brasileiras, antes apenas ligadas pelo ar ou pelo mar.

O que se pretendia inicialmente, a partir desse exercício de integração por eixos rodoviários, era unificar o país, de norte a sul, quebrando o isolamento das diversas regiões e criando novos pólos de desenvolvimento que se entrecruzariam.

Essa atmosfera de otimismo, de esperança, de desenvolvimento, crescimento e de forte exercício democrático, dominou a cena durante todo período do governo JK, influenciando também em movimentos artísticos relevantes para a cultura brasileira, tais como o cinema novo, a bossa nova, a arte moderna, a televisão, o teatro e uma série de outras experiências nas artes e na cultura em geral.

Nesse período o otimismo dominava a cena e tudo parecia novo: o cinema, a bossa, a arquitetura da nova capital e a utilização do concreto como forma estética, as estradas, as indústrias, o olhar sobre um Brasil que pretendia se mostrar ao mundo de forma igualmente moderna e arrojada. Muitos investimentos chegaram ao país e com isso o crescimento se tornou visível por todas as regiões, fazendo surgir a denominação “Anos Dourados” para caracterizar aquele período.

### **Brasília – a construção de uma utopia**

A capital exerce um importante papel na vida de um país, como centro de irradiação das grandes decisões que refletem diretamente nas relações sócio-econômicas e culturais de toda população.

Como centro da vida política, ocupa posição privilegiada por sediar instituições e discussões que irão afetar a vida dos cidadãos, como também naquelas diretrizes que unem o país ao mundo além-fronteiras.

A capital independe de sua importância na geração riquezas, atividades comerciais, industriais, do tamanho da sua população e da área que ocupa, já que sua função é por natureza especial e transcendente, por ser a sede do governo e representar a união nacional.

A posição de uma capital no contexto geográfico é essencialmente uma questão política, uma decisão estratégica, que não depende de orientação técnica; porém pode ser influenciada por aspectos, benefícios, facilidades de acesso e de proteção ligados às questões topográficas na sua localização, tais como proximidade do mar, de rios, barreiras naturais, entre outros fatores naturais.

Quando a formação de uma capital foi espontaneamente surgindo em função de circunstâncias naturais, o povoamento e o desenvolvimento existentes vão seguindo seu curso histórico em forma de maior ou menor aceleração de acordo com a própria evolução do país.

Em J.O. de Meira Pena (2002) verificamos que o surgimento da capital artificial obedece a uma outra dinâmica, já que por característica, essas cidades surgem no meio de espaços onde não havia qualquer construção ou o que existe é tão insignificante que não é representativo para o conjunto que se pretende criar.

O autor destaca que capital artificial tem uma ligação direta aos objetivos de seu criador, em que raramente pesam as motivações económicas ou comerciais; às vezes atende às questões de natureza social, cultural ou religiosa, mas quase sempre tem cunho político. Para Pena (2002: 340) "os destinos dessa cidade seguem os destinos do estado que coroa".

Brasília nasceria assim dentro do conceito da capital artificial, construída em local em estado natural, localizada no Planalto central do país.

Em Meira Pena (2002) encontramos também uma definição muito interessante sobre a decisão de construir uma nova capital:

"A construção de Brasília constitui um marco, um passo decisivo de nossa história – e ao Presidente Kubitschek deve o Brasil ficar eternamente grato pelo impulso que seu entusiasmo e otimismo despertaram. A nova capital simboliza a vontade de avançar, de mudar, de crescer, de descobrir o Eldorado. Em que pesem as agitações políticas que se sucederam nos 40 anos posteriores à transferência da capital, a obra do Fundador significa, no espaço, esse retorno ao sertão que está dentro da mais pura tradição das Bandeiras – enquanto reflete, no tempo, o caráter essencialmente "futurista" de nosso avanço coletivo. A perspectiva futurista veio a ser qualificada pelos mais afoitos de projeto para o "Brasil Grande", o Brasil incluído no grupo das sete ou oito potências dirigentes do planeta... e como proclamava o slogan da época, "ninguém segura este país"! (Pena, 2002: 337).

A intervenção do estado nos espaços urbanos no Brasil tornou-se de alguma forma comum nas grandes cidades brasileiras. O próprio JK vinha de uma experiência bem-sucedida na cidade de Belo Horizonte, juntamente com o jovem arquiteto Oscar Niemeyer, quando foi prefeito da cidade e posteriormente como governador de Minas.

Essa ação intervencionista do estado no desenho urbano das cidades já vinha de longa data no Brasil, inspiradas a princípio naquelas adotadas no século XIX, em Paris, pelo Barão Haussman, que promoveu uma completa reconfiguração urbana da cidade, dando-lhe o traçado imponente que até hoje mantém.

Ação parecida se deu no Rio de Janeiro, no início do século XX, sob o comando do prefeito Pereira Passos, cuja inspiração também vinha da França, ao pretender transformar a cidade numa espécie de Paris dos Trópicos, pelo desenho das principais avenidas e nas fachadas dos prédios inspiradas naquelas na cidade-Luz.

O que tornou diferente a construção de Brasília das outras intervenções urbanas foi a sua ambiciosa pretensão: erigir toda uma cidade onde nada havia; levar para o local uma imensa infraestrutura e conduzir a esse fim alguns milhares de trabalhadores. Ao final de menos de 4 anos estar com tudo pronto para sua inauguração, deslocando-se boa parte da estrutura de poder existente na antiga capital – Rio de Janeiro.

Em seu livro *JK, O Artista do Impossível*, o jornalista Cláudio Bojunga (2010) cita o diálogo entre JK e uma carioca, irritada com a construção de Brasília:

- “Mas presidente, o senhor vai construir a capital num deserto. Isso é um absurdo!”
- “Não, minha filha”, respondeu o presidente. “O absurdo é o deserto” (2010: 625).

Levar para o meio do sertão toda uma cidade, erguer maravilhas de concreto de encher os olhos do visitante, dominar aquela natureza impenetrável, na expressão de Guimarães Rosa, e tornar tudo bonito e planejado na amplitude do cerrado inóspito, a partir da construção do moderno e ao mesmo tempo capaz de encher os brasileiros de idealismo, foi de certa forma a expressão do momento da construção de Brasília, a qual bem representava a atmosfera reinante em todo o país.

A mistura de idealismo e de entusiasmo de um presidente, associada à vontade de mudanças de uma sociedade que queria progredir e se fazia catalisar pelas ações desenvolvimentistas e selava as condições sócio-históricas da segunda metade do século XX, no Brasil. O progresso era a palavra de ordem e o moderno a sua melhor expressão.

O slogan “50 anos de progresso em 5 anos de governo” se encaixava perfeitamente nesse espírito coletivo, já que a modernização do país era o eixo do discurso do candidato, em seguida presidente da república, sendo a construção de Brasília o símbolo da modernização e o início de uma nova era.

Brasília cristaliza-se então como símbolo dessa apregoada modernidade, cujo plano arquitetônico revela o planejamento civilizado das atividades e da vida dos cidadãos. O domínio

do espaço inóspito pela técnicas da engenharia e da arquitetura faz desse projeto a consagração da técnica sobre a natureza, a expressão do progresso e do desenvolvimento.

Esse processo e exemplo de urbanização, derivado do desenvolvimento industrial e dos serviços, fizeram o processo migratório aumenta, inclusive no sentido do interior para as cidades, atraindo milhares de trabalhadores rurais para os grandes centros, atraídos pelo ideal de construir o progresso, com empregos melhor remunerados na indústria e ao mesmo tempo acelerando o crescimento das populações urbanas.

O otimismo crescente com relação à construção de Brasília fez surgir, na opinião de Carelli (1994), um grande fascínio e admiração da mídia européia daquele momento, em especial na francesa, pela audácia estética de dois arquitetos brasileiros que a projetaram, como também pelo projeto de inscrever-se no coração de um espaço de ocupação ilimitada. (Carelli, 1994: 256).

Ao citar Pierre Francastel, Carelli (1994: 242) destaca que "os homens e a sociedade, não criam seu meio ambiente somente para satisfazer algumas necessidades físicas e sociais, mas também para projetar em um espaço real de vida algumas de suas esperanças, ambições e utopias". Brasília, como cidade de materialização de uma utopia, mostra-se como uma maquete estável e ao mesmo tempo um protótipo da modernidade.

Brasília é assim a representação estética de uma conjunção de fatores ligados ao desenvolvimento econômico, político e social que imperava a partir da segunda metade dos anos 50, que parecia querer negar um passado social, político, econômico e arquitetônico, alinhando-se a uma projeção de futuro de um país mais desenvolvido e projetando-se como uma das grandes nações do mundo.

A estética modernista indicava em termos simbólicos a junção do criador e da criatura e da materialização das aspirações de crescimento que estavam emergentes na sociedade brasileira, que almejava um país mais desenvolvido social e economicamente.

O poder de persuasão que a construção de Brasília exerceu sobre a sociedade brasileira de então foi bastante incisivo como exercício do poder, já que aglutinou diferentes correntes de opinião e segmentos sociais em torno de um projeto urbanístico e ao mesmo tempo de desenvolvimento de país, de uma construção nacional.

O ideal de desenvolvimento era a mola mestra dessa junção de componentes sócio-político-estruturais, que visavam a superação da pobreza, do atraso, da conquista, da soberania e do respeito internacional pela materialização do progresso e da ascensão social da população.

Ao eleger a construção de Brasília como meta-síntese de seu plano de governo, JK desejava que essa fosse a parte mais visível de sua administração e que ela se tornasse a representação de todas as demais ações previstas no Plano de Metas. Segundo sua própria expressão, "Brasília será a chave de um processo de desenvolvimento que transformará o arquipélago econômico que é o Brasil em um continente econômico integrado" (JK, 1960: 109).

Brasília tornou-se assim um grande fenómeno midiático daquele momento, sendo citada com frequência pelos diferentes meios, que acompanhavam todas as etapas das obras até a sua inauguração. Revelava-se portanto um forte componente de exercício do poder simbólico, definido por Bourdieu (2009) como uma forma estruturada de exercer influência a partir da construção da realidade, capaz de promover a integração social e o consenso, produzindo efeitos reais, sem necessariamente dispendir energias que as relações de força exigiriam (Bourdieu, 2009: 10-11).

As reportagens e fotos desse instante foram decisivas para que o projeto de construção da capital ganhasse aceitação e acendesse o imaginário da população, pois com a construção de um ideal com ele projetavam-se os desejos e perspectivas de toda uma nação.

De maneira geral, as opiniões eram as mais diversas, havendo prós e contras sobre a construção da cidade, mas a dimensão simbólica e midiática que alcançava diariamente nos veículos de comunicação conferia ao governo uma dimensão jamais vista até então. Indicava, acima de tudo, que havia um país que avançava e dava ao presidente o status de um grande desbravador, “tocador de obras” e construtor do futuro do país.

Essa representação positiva de país ganhava espaço nos meios de comunicação, ao mesmo tempo em que o jornalismo brasileiro desenvolvia-se de maneira mais empresarial, pelos avanços na qualidade dos serviços gráficos e pela velocidade na transmissão das notícias. Havia nessa orientação empresarial menor preocupação de ordem ideológica, no sentido de exposição de ideias e opiniões, e mais uma orientação para as demandas de mercado.

O processo de democratização e modernização da imprensa nesse momento – bem diferente do período autoritário vivido pelo Brasil em anos anteriores – seria possivelmente resultante do crescimento económico e da ascensão da classe média, aumentando assim o universo de leitores e aproximando a mídia do meio político e da sociedade como um todo.

As revistas de abrangência nacional eram *O Cruzeiro* e *Manchete*, que davam cobertura foto-jornalística aos principais eventos, entre eles a construção de Brasília e sua representação do desenvolvimento nacional. Nesse caso, o fotojornalismo ganharia importância relevante para a conquista emocional da opinião pública, em complemento ao discurso revelado pelos textos.

As imagens do presidente JK são mostradas de maneira a revelar um político moderno, que usa o telefone, o avião para governar, que é cordial e sorridente, que fala com o povo e com as personalidades do mundo inteiro, que fiscaliza obras e que mostra muito energia e equilíbrio nas mais diferentes situações de ordem económica, política ou militar.

Levando-se em conta que a televisão engatinhava na segunda metade dos anos 50, que o rádio ainda era muito presente e que havia um grande número de analfabetos a impactar o sucesso da mídia impressa, as revistas semanais *O Cruzeiro*, com cerca de 500 mil exemplares, e *Manchete*, com 300 mil, representaram um papel muito importante na construção dessa imagem da modernidade e do futuro de um país, simbolizados pela construção de Brasília e pela figura carismática e empreendedora de um presidente.

Essas revistas semanais atingiam sobretudo a classe média e, portanto, o cerne da opinião pública do momento, ansiosa que estava pelos apelos de desenvolvimento e riqueza, além de acesso aos bens e serviços próprios de um país que emergia.

Esse viés da mensagem desenvolvimentista contida nessas publicações respaldam aquilo que Bourdieu (2009: 10-11) define como a manifestação da ideologia, caracterizada como a representação de interesses particulares, veiculados como coletivos que, ao incorporarem essas mensagens à produção simbólica das mídias, constroem e representam a identidade coletiva.

O impacto e a força das imagens simbólicas traduziram o desejo de modernização do país e a ampliação do poder político, criando um novo modelo de percepção coletiva de progresso, de hábitos de consumo e de inserção numa sociedade industrializada.

Poderemos conferir alguns exemplos desse simbolismo, através de textos e imagens da revista *Manchete*, em sua edição comemorativa da inauguração de Brasília.

### **Brasília na narrativa midiática – da edição da revista *Manchete* de inauguração à *Veja* da comemoração de seus 50 anos**

O caráter simbólico da construção da nova capital ganhou espaço na mídia, sobretudo nas revistas semanais, através das imagens que projetava, aproximando o discurso político da esperança de desenvolvimento e do progresso junto à classe média dos grandes centros urbanos, maiores consumidores de revistas.

Cada etapa da construção era imediatamente fotografada e publicada, fazendo com que a opinião pública acompanhasse a evolução da obra, rompendo com o ceticismo existente desde o anúncio da construção da nova capital. Segundo o historiador Ronaldo Costa Couto (2011), em entrevista à revista *Brasileiros* – abril de 2010 –, as forças de oposição ao então recém-eleito presidente JK não acreditavam na possibilidade de a nova capital sair do papel e de ser concluído e por isso não colocaram restrições iniciais ao projeto.

Alguns anos depois, diante das dificuldades económicas enfrentadas pelo país, com o aumento da inflação e dos gastos públicos, as oposições fizeram duras críticas ao processo de construção de Brasília, cujos custos alcançavam cifras astronómicas em relação à capacidade de pagamento do Tesouro Nacional.

Mesmo com a opinião pública dividida, o projeto da nova capital foi transformado em realidade e Brasília foi inaugurada no prazo previsto. O novo Distrito Federal foi criado em 1960 e o antigo, situado no Rio de Janeiro, foi transformado em estado da Guanabara.

Para retratar apenas o momento da inauguração e o seu caráter simbólico, selecionei alguns trechos da edição da revista *Manchete* dedicada ao evento, com o título *Brasília Ano I – 1960*.

Nessa mesma edição, o Papa João XXIII dá o tom mítico àquele instante, ao enviar uma mensagem ao presidente, transcrita pela revista: “Brasília há de constituir um marco miliário na história já gloriosa da Terra de Santa Cruz” (1960: 25). Ao fazer alusão ao descobrimento e à



denominação inicial do país, o papa religa a saga do descobrimento aos fundamentos da religião católica de seus fundadores.

A sequência de títulos das matérias já dá a ideia do tom triunfalista que representava aquela inauguração, dentro de um contexto de país e de poder, de cunho expressamente entusiástico, apoteótico e emocional:

- A Aeronáutica abre a parada com a esquadrilha da fumaça;
- Os candangos formam ao lado dos soldados – com tratores e pás mecânicas;
- Luzes e cores estouram no céu do Planalto;
- Primeiro dia de Brasília, Capital do Brasil: o povo entusiasmado visita os edifícios, troca impressões, sente país que renasce no interior;
- O presidente Juscelino Kubitschek chora de emoção – no momento em que o cardeal enviado pelo papa, abençoa a cidade;
- Israel Pinheiro agradece a ajuda de Deus – mostrando em foto a expressão do então responsável pela execução das obras da nova capital;
- A primeira reunião do Congresso na nova Capital – centenas de pessoas invadiram as galerias e quando o presidente entrou, gritaram em coro: “Juscelino! Juscelino!”;
- Um Grande Baile - Cinco mil convidados à recepção do palácio do Planalto fazem da nova capital um centro de elegância por uma noite;
- Aqui e agora começa o novo Brasil “Brasília era o marco onde se cruzavam, naquele instante, duas nações: uma, de 460 anos, litorânea, rotineira, pessimista, subdesenvolvida; outra, nascida há minutos, corajosa, confiante, otimista, atrevida” - Murilo Mello Filho;
- A primeira reunião do ministério – “Explicai a vossos filhos que esta cidade-síntese está sendo feita para eles”;
- O Candango – Herói de Brasília – o admirável homem simples que mais por entusiasmo do que por qualquer outra coisa, construiu sobretudo o início de uma nova era;
- O Adeus de JK – o presidente JK despede-se de cada funcionário do palácio e pergunta a cada um deles: “Quando você vai para Brasília?”;
- Posto de Escuta – “Quem nascer e viver em Brasília, será chamado de candango, que assim substituirá o termo carioca”;
- Nasce o Estado da Guanabara – o cumprimento do preceito constitucional que criou o estado da Guanabara encheu o povo de alegria, consolando-o da transferência dos três poderes da república para o planalto goiano. Uma nova era se inaugura no Rio de Janeiro; seus destinos estarão agora, nas mãos dos seus próprios habitantes;
- A capital do Brasil foi para o planalto, mas o carioca provou que não deixará nunca de ser a capital do Samba.

A edição da *Manchete* traz também anúncios publicitários que refletem o momento económico e o acesso da classe média, símbolos de uma sociedade moderna e industrializada, aos diferentes bens de consumo, tais como viagens aéreas, eletrodomésticos – rádios, geladeiras, aspiradores, fogões, elétricos, torradeiras – sabões em pó, mobiliário, lingerie, cosméticos, utilidades para cozinha e refrigerantes.

A revista *Veja*, na edição comemorativa aos 50 anos de Brasília, detalha em 190 páginas, os principais momentos dessa história.

Alguns dos títulos das matérias publicadas nessa edição são emblemáticos em relação ao processo histórico que experimentou Brasília desde a sua criação, construção, inauguração e evolução.

Vejamos alguns deles:

- Os pés na Imensidão – transcreve palavras de JK na primeira visita que fez ao local onde seria erguida a cidade “Deste Planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino”;
- Uma Janela para a História – a inauguração de Brasília foi a realização de uma utopia, como foram todas as grandes epopeias fundadoras de nações;
- A Redescoberta do Brasil – Em oposição ao bandeirante predador, JK cultivou a imagem do pioneiro, o desbravador que tiraria o país do litoral para levá-lo ao centro. Foi o nascimento de uma nação;
- Por que JK construiu Brasília? – Sapo pula por precisão, não por boniteza, ensinou Guimarães Rosa. Juscelino precisava ficar longe do Rio, sob o risco – e com receio – de ser deposto antes do fim do mandato;
- Todas as possibilidades do concreto – a obra de Niemeyer transcende os limites impostos pelo modernismo de Le Corbusier;
- A Saga da Construção – Há uma única unanimidade, o épico feito em erguer uma metrópole do nada em menos de quatro anos;
- Barafunda Contábil – JK inaugurou a era do descontrole inflacionário com a mudança para o Planalto – Quanto custou Brasília? Estimou-se em U\$1,5 bilhão. Em valores de hoje equivaleria a U\$19,5 bilhões;
- Encanto não se transfere – Como foram os melancólicos (mas nem tanto) últimos dias do Rio de Janeiro como sede do governo – 73% dos cariocas aprovaram a mudança da capital, 80% acreditavam que JK tinha acelerado o desenvolvimento do país;
- Solidão – apenas 1,1% dos funcionários públicos federais trocou o litoral pelo cerrado nos primeiros dias da mudança;

- Volta ao mundo das manchetes – França – No Brasil uma capital acaba de nascer; Espanha – Brasília abriu suas portas; EUA – Brasília de Kubitschek. Onde antes a onça rugia, surge uma metrópole; Alemanha – Começa a mudança a capital na floresta. Rumo a Brasília;
- A Solidão dividida em Blocos – Poucas cidades do país produziram uma juventude tão crítica e irónica em relação ao cotidiano – e isso é saudável;
- O Cenário Infinito banuiu a multidão – o problema é que as ruas sempre terão a cara que tinham ao nascer, sem povo. O Homo Brasiliensis, se é que um dia existirá, é personagem em gestação;
- Brasília ontem e hoje em números – 140.164 habitantes em 1960; 2.606.885 habitantes em 2009. A renda per capita é de R\$37.600, contra R\$12.668, que é a média nacional.

Entre as duas revistas, mesmo guardados os aspectos contextuais de cada edição, existe um elo comum que é o registro de uma saga idealista de um presidente e dois arquitetos que, a partir de um projeto futurista, desenharam também um projeto de nação, capaz de emocionar e fazer refletir quem não viveu aquele momento.

Ambas as edições tomam a perspectiva do registro histórico, como um legado a ser lembrado pelas atuais e futuras gerações. A revista *Veja* faz alusão ao momento social, político e económico em que vive atualmente o país, estabelecendo vínculos e paralelos entre o país do passado, do presente e das perspectivas futuras.

*Veja* destaca igualmente o tripé da modernidade em que o Brasil se encontra localizado, pela admiração e respeito que possui na comunidade mundial, pela estabilidade política, pela justiça social e pela racionalidade e pragmatismo na política económica.

De alguma maneira, *Veja* prossegue no discurso progressista que caracterizou os últimos 50 anos da história brasileira, mesmo em períodos em que o processo democrático esteve abalado pelos regimes ditatoriais.

Para a profa. Maria Leandra Bizello (2008), da Unisinos,

“a imagem do presidente JK é diversa, as revistas ilustradas da época, *O Cruzeiro* e *Manchete* e os filmes institucionais do período foram responsáveis por construir e divulgar sua imagem nacionalmente. Esse é um primeiro ponto importante, pois JK precisou ser conhecido em todo o país”.

Tais revistas podem ser entendidas como palco para a representação política e do poder, o espetáculo também existente na esfera política. O político representa papéis como, por exemplo, o do herói ou do pai. A diversidade de imagens existe em função desses papéis.

A propaganda política estatal, bem como alguns dos mais importantes veículos de comunicação de massa de então, aliaram a imagem de JK à de Brasília, convencendo a população a aderir ao projeto de construção da nova capital. Nesse discurso construiu-se uma imagem pública que dificilmente seria superada pelos presidentes que o sucederam. Eventualmente existem citações

e apropriações comparativas a esse período, mas sem a força do herói que construiu naquele contexto histórico e político.

“Como poderei viver, como poderei viver, sem a tua, sem a tua companhia”? (do cancionero popular).

### **Considerações finais**

O resultado das matérias e dos registros fotográficos é um passeio histórico capaz de enumerar os desafios que motivaram o Brasil há 50 anos e que ainda são muito significativos após esse longo período, constituindo-se em exemplos de superação e marca do próprio povo brasileiro.

Na opinião do historiador Ronaldo Costa Couto (2011: 147), o presidente JK via Brasília “como centro irradiador da civilização e desenvolvimento, indutor da ocupação territorial e da integração nacional, símbolo e alavanca da inserção do país na modernidade”.

É do próprio Ronaldo (2011: 148) a afirmação de que JK queria afastar-se do Rio, por temer o golpismo militar reinante que havia na então capital. Além disso, o fato de a capital estar no Rio, fazia da presidência alvo de constantes manifestações populares, que nem sempre lhe diziam respeito, tais como o aumento da passagem dos bondes e do leite.

Independente desses fatos, até certo ponto pitorescos, há quem pergunte o que seria o Brasil sem Brasília, 50 anos depois?

Opina Ronaldo Costa Couto, que a cidade de Brasília, “por sua formação, tem a cara de todos os “brasis”. É uma síntese do país e de seus contrastes, pela problemática urbana, pela desigualdade social, crescimento desordenado. Ao mesmo tempo um centro irradiador de poder que influencia as questões sócio-económicas, geopolíticas e civilizatórias” (2011:148).

É difícil fazer esse exercício de futurologia, tendo em vista que é possível que a irradiação do desenvolvimento para as áreas mais desocupadas do país poderiam ter sido conduzidas em uma outra formatação e direcionamento, independente da construção da capital, se levarmos em conta apenas questões de natureza geo-económicas e de infraestrutura.

No contexto do Brasil daquela época, talvez Brasília tenha sido sobretudo um elemento catalisador de uma sociedade que, ao acreditar numa proposta de cidade, também projetou a utopia de um país, mais desenvolvido, moderno, menos desigual e com mais oportunidades para todos os seus habitantes.

Se pudéssemos medir as consequências práticas desse estado de espírito nos brasileiros nos anos que se seguiram, é possível que o período de governo de JK, seu discurso modernizante e a simbologia de Brasília tenham estabelecido um patamar de ascensão e de inserção que trouxeram grandes benefícios do ponto de vista sócio-económico, como também no inconsciente coletivo.

Brasília é também uma imagem edificada sobre alguns dos componentes do mito, como também pela materialização de uma proposta quase utópica que se tornou realidade em razão da saga e determinação humanas, apoiada nos ideais de igualdade, da democracia, do desenvolvimento,

do progresso e da integração nacionais, conferindo-lhe um caráter simbólico poucas vezes verificado em outras cidades do mundo.

A crença de um país que cresce e que se moderniza é até hoje um mote de todos os governos que se seguiram, mesmo aqueles dos generais-presidentes, expressada em maior ou menor grau de acordo com o momento sócio-económico-político vivido.

Podemos reconhecer que São Paulo é um grande centro económico-cultural, que o Rio de Janeiro seja um grande portão de entrada para as atividades turísticas e que ainda guarda resquícios de seu grande esplendor natural e arquitetónico, e que Salvador, primeira capital, é um verdadeiro monumento a céu aberto desde a colonização e grande pólo de desenvolvimento regional.

Porém, Brasília é o centro das decisões e mesmo dividindo as atenções com outras cidades, não experimentou um esvaziamento, já que obriga-se, por sua própria condição de capital, a olhar para cima e para baixo, para um lado e para outro, na imensidão geográfica que é o país, mobilizando-se nas várias direções, na sua condição incontestável de emanção e representação do poder simbólico sobre toda uma nação.

## **Bibliografia**

### **Livros**

BARTHES, R. (2007): *Mitologias*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

BOURDIEU, P. (2009): *O Poder Simbólico*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.

CARELLI, M. (1994): *Culturas Cruzadas*, Papirus, Rio de Janeiro.

CARELLI, M. (1987): *France-Bésil: Bilan pour une Relanc*, Éditions Entente, Paris.

COUTO, R. C. (2011): *Juscelino Kubitschek*, Biblioteca Digital da Câmara, Brasília.

GUIMARAES, L. (2010): O Nascer de uma Cidade. *Estado de São Paulo*, 11/abril/2010

KUBITSCHKEK, J. (1960): *Discursos 1960*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

KUBITSCHKEK, J. (2000): *Por que Construí Brasília*, Biblioteca Digital do Senado Federal.

LONGMAN, G. (2009): Paris 21. *Folha de São Paulo*, 22/março/2009.

MORAVIA, A. (2009): Brasília Barroca. *Folha de São Paulo*, 22/janeiro/2009.

PENA, J. O. M. (2002): *Quando Mudam as Capitais*, Biblioteca Digital do Senado Federal.

### **Artigos de revistas, jornais e citações na internet**

Revista *Manchete* – nº 420 – Rio de Janeiro – 7/maio/1960.

Revista *O Cruzeiro* – Fotografias – <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/album>.

Revista *Veja* – Brasília 50 Anos – Ano 42 – novembro/2009.

Revista *Brasileiros* – 50 Anos de Brasília – nº 33 – abril/2010.

Revista *História Viva* – Brasília 50 Anos – A refundação do Brasil – nº 78 – 2010.

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/brasil/2006/01/02/000.htm>.

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=16>.

[http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/12989-as-diferentes-imagens-publicas-de-jk-entrevista-especial-com-maria-leandra-bizello.](http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/12989-as-diferentes-imagens-publicas-de-jk-entrevista-especial-com-maria-leandra-bizello)